

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO—Charpentier — A musica das palavras — Chronica portuense — Vianna da Motta e Moreira de Sá — Julio Cardona — Concertos — Noticiario — Bibliographia — Necrologia.

CHARPENTIER

Gustave Charpentier é o compositor para o qual ha dois annos se voltaram todos os olhares e todas as esperanças quando apresentou á surpresa publica a sua já celebre *Louise*.

Nasceu em Dieuze, na Alsacia, em 1860, vindo para Paris estudar no Conservatorio, onde Pessard lhe foi mestre de harmonia e Massenet de composição.

Em 1887 obteve o grande premio de Roma. A composição que lhe valeu este premio foi *Didon*, poema para tres personagens, dividido em quatro scenas, versos de Augé de Lassus. O joven laureado deixou logo antever o futuro compositor,

e um critico julgou-o n'estes termos: «M. Charpentier comprehendeu bem o assumpto e tratou-o de uma forma muito intelligente; é raro encontrar n'um principiante tanto vigor e originalidade.»

Depois de ter regressado de Italia apresentou successivamente nos grandes concertos de Paris, as seguintes obras symphonicas: *Impressions d'Italie*; *La vie du Poète*; *Les impressions fausses*; *Sérénade à Watteau*; *Le couronnement de la Muse*.

Todas estas composições denunciavam

em Charpentier a preocupação do modernismo e da originalidade, mas attestavam igualmente um seria e profunda observação technica, assim como revelavam notaveis qualidades musicas.

Elle mesmo, que tambem cultivava as letras e tem collaborado em diversos jornaes traçou nas seguintes linhas a sua orientação

artistica: «A musica é uma arte de puro instincto, desenvolvendo-se naturalmente nas formas que a personalidade de cada um deve encontrar quando dispõe de um verdadeiro temperamento musical e se preparou com solidos estudos preliminares.»

Em 2 de fevereiro de 1900 apresentou-se no theatro da Opera-Comica a *Louise*, romance musical em quatro actos e cinco quadros. Foi uma completa surpresa para o publico que mal conhecia de nome Gustave Charpentier, e um dos mais ruidosos aconteci-

mentos musicas que tem havido em Paris nos ultimos tempos.

Charpentier propoz-se no seu romance musical, apresentar em scena a vida das ruas de Paris, enquadrando um pequeno drama em que uma ingenua costureira se deixa embriagar pelas loucuras da vida bohemia.

Não teve collaborador litterario, porque o proprio romance foi escripto por elle, em prosa.

Um dos mais conceituados criticos, appreciou assim a 1.^a representação da *Louise*:



«Se, pelo fundo e pela forma, o libretto dá margem a numerosas censuras, a musica não deixa offerecer largas compensações. O primeiro e o ultimo acto estão muito proximos de attingir a perfeição. As qualidades muito notaveis de symphonista que o joven musico-poeta tinha claramente patenteado nas suas precedentes obras, não deram mostras de enfraquecimento.

A orchestração da *Louise* é superior; ella só por si synthetisa e engrandece o lado pitoresco do drama, apresentando todas as vozes de Paris. Poetisar esses clamores atravez dos quaes passam outras vozes mais tennes, não era trabalho facil. M. G. Charpentier, que escreve com rara habilidade, sahio-se maravilhosamente d'essa empreza. É-nos grato notar que um principiante no theatro tenha tal exito que ultrapassa todas as esperanças. Talvez nos objectem que, no seu romance musical, a voz preponderante pertence á orchestra, e que n'este ponto foi seguido o exemplo d'aquelle que é sempre invocado quando se trata do drama musical: Ricardo Wagner. Sem duvida; mas se elle adoptou as grandes linhas do reformador, note-se como a sua orchestra differe da do mestre de Bayreuth e quanto elle se conserva francez!»

Outro critico disse que Charpentier deriva de Berlioz e Wagner, passando por Massenet e Chabrier.

O que é certo é que *Louise* teve em Paris um exito louco, e actualmente corre mundo, sendo o seu auctor proclamado entre os melhores musicos da actualidade.



A musica das palavras

E' vulgar quando ouvimos um côro, ou ainda qualquer canto a solo, que determinadas palavras se accentuem como as mais significativas e que sobrelevam no sentido ás demais. Parece que a musica revestindo-as, as faz reviver no nosso espirito, por modo que não podemos separal-as ou desunil-as da impressão peculiar á melodia.

Um exemplo d'este facto se nos offerece n'um côro do «Elias», de Mendelssohn, no qual as palavras: «Baal, poderoso Baal», frequentemente repetidas pelos tenores e baixos (sacerdotes de Baal) por entre o fragor da instrumentação, actuam de cada vez com a mais vehemente e incisiva resonancia. O nosso espirito suggestionado parece-lhe ver soerguer-se o Idolo colossal, e que a palavra «Baal» saia d'uma bocca desmesuradamente aberta, e terrivel de colera.

Acreditamos então que a musica possa fazer evocar os espiritos infernaes e precitos!

No cantochão, que a bem dizer é o engrandecimento da prosopopeia latina, é frequente o facto que deixámos citado; talvez porque o character proprio d'elle seja o avinhar-se mais do que outra musica do sentido das palavras.

Ao contrario na musica profana a prosodia actua pouco, e sobretudo na de estylo dramatico limita-se a acompanhar a medida geral do verso, sustentando-lhe parallelamente a expressão, sem jamais se confundir com ella. O canto perde então a melhor parte da sua força de evocação.

A bocca humana é o instrumento mais malleavel de quantos existem, pois que pode emittir todos os sons e afinar-se instantaneamente em qualquer tom. Todavia, fallando, não possui essa tão grande diversidade de som que se obtem no canto. Segundo Helmutz, na sua «Theoria physiologica da musica», em virtude de innumeradas experiencias por elle realisadas, encontrou que as vogaes teem um maximum de resonancia, igual para todos os homens, ou pelo menos para todos os da mesma raça, tendo em conta os diversos registros em que se subdivide a voz. Segundo esse sabio physico, a maior resonancia do *ou* para um baixo dar-se-hia sobre o *fa* que se escreve na quarta linha da clave de *fa* ordinaria.

Se alargamos as observações das letras ás palavras, e d'estas á phrase inteira, observam-se leis imperiosas e seguras na linguagem. Em qualquer idioma que discreteiem dois interlocutores invisiveis, e quando não lograssemos comprehender-lhes uma palavra, temos a noção immediata se as vozes são altivas ou submissas, colericas ou afaiveis. Todas as paixões humanas teem nos seus principaes accentos uma musica particular, accessivel á comprehensão de todos. Ainda, segundo as observações tão judiciosas de Helmutz, a cadencia d'uma phrase interrogativa exprime-se na quinta superior, ao passo que a das phrases concludentes abaixa d'uma quarta. Praticamente, estas leis physicas são susceptiveis de grande elasticidade, e é n'isso que consiste a infinita variedade dos cantos. Deveria inferir-se então que toda a melodia rhytmada ou não, suppõe ou espera as palavras, e que a melodia puramente instrumental não existe. Sempre que um compositor escreve um canto de expressão para certo instrumento, fal-o fallar na sua linguagem, e se as differentes gradações da palavra humana se achassem bem determinadas, achariamos mechanicamente o equivalente da melodia instrumental na linguagem vulgar.

Por inversão, quando a poesia não fornece a «musica das palavras» indispensavel, é secca e inexpressiva. Ao contrario quando se reveste d'esses predicados, a musica está implicitamente n'ella.

N'este ultimo caso, a linguagem encerra em si a propria musica, tão caracteristicamente, que pode mesmo embaraçar a veia do compositor, que se vê constringido a adoptar-lhe a individualidade, renunciando ao cunho do que lhe é original e proprio. E todavia, o effeito produzido, muitas vezes, não é menos feliz ou menos bello!

Não se pode, pois, desdenhar do influxo ou do valor das palavras, influxo que recebem da mysteriosa origem que lhe constituiu o som e rhytmo proprio. Poetas e musicos, dispondo os grupos harmoniosos e rhytmados, ou entretecendo a poesia dos sons, trazem-nos nas sylabas primitivas essas sensações fortes e ideaes, que nos são como que a recordação deliciosa d'um mundo juvenil.



CHRONICA PORTUENSE

A impressão produzida entre os nossos musicos pela noticia da morte inesperada de Leopoldo Miguez, foi de profunda amargura. O illustre compositor e desvelladissimo director do Instituto Musical do Rio de Janeiro que tão dedicadamente impulsionara e tão criteriosamente geria, era considerado como um portuense. Não temos dados precisos para traçar a sua biographia, mas parece-nos, que o mallogrado artista, nasceu no Porto ou pelo menos aqui passou uma parte da sua vida, até emigrar para o Brazil onde a aura da fortuna o bafejou largamente. Seu pae era de nacionalidade hespanhola e tinha casado com uma senhora portugueza, estabelecendo-se aqui com fabrica de bilhares nos baixos da casa da rua do Triumpho, onde mais modernamente esteve installado o Grande Hotel do Louvre, de escandalosa memoria pelas questões que se seguiram á hospedagem do finado imperador do Brazil. É de crêr, portanto que fosse no Porto que elle estudou violino, o unico instrumento que tocava, tanto mais que Miguez vivera sempre na intimidade dos nossos primeiros musicos como Nicolau Ribas, Marques Pinto, Cyriaco, Miguel Angelo, e outros, que d'elle fallavam com muita consideração. Quando o conhecemos já foi n'uma das suas pequenas estadas no Porto, em plena maturidade, fazendo elle o giro das salas burguezas com o seu violino e as fan-

tasias de Alard, Singelée e Bériot em obediencia á tradiçào que n'essa epoca firmára as reputações attísticas. De regresso ao Brazil, foi em 1880 nas brilhantes festas ahi realisadas por occasião do centenario camoneano, que Miguez se apresentou como compositor, escrevendo a marcha «Camões» e mais tarde uma symphonia parece-nos que á memoria de Pombal, que foi interpretada por algumas centenas de executantes, obtendo um successo ruidoso e elevando o seu auctor a um honrosissimo logar no mundo artistico brasileiro.

O *andante* d'essa obra e a *apothose* revelaram um talento excepcional de compositor e recursos de colorista, só proprios de quem tivesse um largo tirocinio alliado a uma especial aptidão, O bondosissimo imperador do Brazil concedeu-lhe o seu valimento e em carta autographa dirigida a Ambroise Thomas, recomendava-lhe o seu protegido, e pedia a sua interendencia para que a composição de Miguez fosse executada em Paris, em qualquer dos grandes concertos de orchestra.

Com esta carta e com a partitura da obra, radiante de esperanças e acariciando o mais doirado sonho que uma alma de artista pode albergar, eil-o de novo a caminho da Europa, e de passagem para França aqui se demorou alguns dias, fazendo ouvir aos artistas seus amigos e a muitos amadores a sua producção, n'uma reduçào a dois pianos que comsigo trouxera. Não houve duvidas então, como não as ha hoje, de que Miguez possuia um brilhante talento de compositor; e o justificado successo da sua primeira symphonia concorrendo para que deixasse um pouco de lado o violino, lançou-o abertamente no caminho da alta composiçào, fazendo brotar da sua penna obras successivas, com evidenciação constante d'um espirito evolutivo, quer em relação ás faculdades creadoras, quer aos processos de orchestração. D'entre as obras de Miguez destacam-se as *Marchas Camões* e *Nupcial*, o *Hymno da Proclamação da Republica*, as *odes funebres a Victor Hugo e Benjamim Constant*, a *Scena Dramatica*, os poemas symphonicos *Avé-Libertas*, *Prometheu* e *Parisina*, *Pelo Amor* e a sua ultima composiçào *Saldunes*, além de uma sonata de piano e violino, não sabemos se já publicada.

Os poemas symphonicos acima indicados já foram executados aqui e especialmente *Avé-Libertas* e *Parisina* deixaram-nos a confirmação da robusta intellectualidade do seu auctor. De facto Miguez não se limitou a escrever notas; procurou sempre que a sua musica traduzisse uma idea ou fazer um perfeito commentario da acção, e na *Pari-*

sina, facilmente se verifica a absoluta communhão da musica com a idea poetica que a inspirou. Esta obra teve no Porto um real successo e a proposito d'ella publicou o sr. Antonio Arroyo um bello estudo critico. Ha poucos annos ainda que Miguez voltou á Europa, subvencionado pelo governo da grande republica para estudar nos principaes conservatorios do estrangeiro a modernisação do ensino a introduzir no do Rio, tendo occasião de assistir a um grande concerto de orchestra promovido pelo Orpheon, no qual se executara novamente o seu poema *Parisina*. A ovação calorosissima e entusiastica que o nosso publico lhe fez, sensibilisou extremamente o sympathico artista, e provou-lhe que os seus antigos patricios o consideravam e o reivindicavam como filho da mesma terra onde nascera Arthur Napoleão, um outro grande artista que fez do Brazil a sua segunda patria. Ora o desaparecimento de um artista como Miguez, representa uma calamidade para a arte brasileira. A sua dedicação pelos progressos do conservatorio do Rio a que se votara com alma, tendo-o presenteado até com um orgão monumental, a tenacidade e o superior criterio da sua direcção, as suas obras orchestraes, o seu talento de executante, eram tudo qualidades que difficilmente se encontram reunidas n'um só individuo. Miguez, artisticamente, quasi que se fez a si mesmo. Não faltará quem o accuse de não ter feito longos e pacientes estudos de composição ou de não ter sido conduzido á gloria desde pequenino pela mão de mestre celebrado universalmente, mas tanto melhor para a sua memoria. Se foi uma vocação manifestada tardiamente, provou elle bem que tinha talento e o esforço de vontade persistente sem o que não ha talento que preste, para triumphar ao menos no seu paiz, emquanto por esse mundo fóra tantas centenas de geniosinhos que tiveram bons mestres e cursaram aulas superiores, iam ficando pelo caminho sem se tornarem conhecidos na propria rua onde viram pela primeira vez a luz de dia. Quantos exemplos nos não apresenta a historia da musica, de artistas gloriosos que quasi não tiveram mestres nos seus principios, e de outros que só muito tardiamente fizeram os seus estudos, impellido por uma vocação irresistivel depois de terem passado toda a mocidade entregues a trabalhos inteiramente differentes! Na arte, como em tudo, o esforço proprio conduz muitas vezes mais longe que uma intelligencia servida por uma acção debil da vontade. Os mestres não dão talento aos discipulos, tudo quanto podem é orientar-lh'o bem se elles o tiverem. Mi-

guez não apresentava certificados de conservatorios nem attestados de professores celebres, mas deixou obras que não desaparecem facilmente e teve uma vida de actividade artistica que o Brazil e Portugal respeitaram e com a qual a grande nação sul americana muito lucrou; e se toda a obra produzida por Miguez é o resultado do seu exforço, muito maior gloria cabe ao seu nome. Nós admiravamos-o e muito sympathisavamos com o seu character e por isso lhe dedicamos estas desataviadas phrases de homenagem sentida e sincera, que estão no espirito de todos os portuenses que ouviram as suas obras e conheceram o seu tracto primoroso e cavalheiresco.

Porto—Julho—1902.

ERNESTO MAIA.

Vianna da Motta e Moreira de Sá

Estes nossos tão queridos quanto talentosos compatriotas, glorias das mais puras da Arte musical,—teem encontrado no Brazil, onde se propozeram realizar uma *tournee* artistica, o mais caloroso e entusiastico acolhimento. A par das receitas fructuosas, compensação natural e justissima do seu labor e incommodidade, a tantas leguas de distancia da patria, — os applausos e saudações, a opinião unanime da critica brasileira, e quantas manifestações d'estima podem colher-se em taes commettimentos, nenhuma lhes tem faltado, como a que significar o contentamento e o mais elevado apreço, com que o Brazil recebe a visita dos dois celebres concertistas portuguezes!

Temos presente diversas das principaes folhas do Rio de Janeiro, que se referem do modo mais elogioso para com Vianna da Motta e Moreira de Sá, a proposito dos concertos realizados pelos dois. A *Gazeta de Noticias*, estampando-lhes os retratos no lugar de honra da primeira pagina, por occasião do ultimo concerto de 26 de junho passado, faz em eloquentes e concisos traços o esborço da vida artistica de cada um.

Não resistimos ao prazer de transcrever dois breves periodos mais scintillantes. Falando de Vianna da Motta, e depois de alludir á sua anterior estada no Rio em 1896, acrescenta: «Agora, passados seis annos, volta-nos pianista extraordinario. O talento amadureceu-lhe, o artista aperfeioou o estylo, penetrando mais fundo no pensamento dos grandes mestres, que elle interpreta com tanta consciencia artistica. Accentuou-se a

sua personalidade, de modo que é hoje um mestre supremo no piano.»

E de Moreira de Sá diz ainda: «E' alem de grande artista, um erudito. A sua vida representa um esforço extraordinario, persistente, lucta titanica em prol e defeza da Arte. D'elle dizia o livreiro Martins, reportando-se a sua erudição colossal: «Diante de Moreira de Sá não se deve estar senão com o chapeu na mão.» Tem tido tempo de publicar obras didacticas e de sciencia, de primeira ordem, sem embargo da sua extraordinaria actividade de artista e propagandista musical»

Por seu turno o *Estado de S. Paulo*, em folhetim especial, sob a epigraphie «Um Successor de Liszt», firmado pelo Sr. E. Ramos Junior, proclama Vianna da Motta tão notavel e supremo pianista, que o grande e genial Saint-Saens, quando recentemente visitou o Brazil n'uma *tournee* de concertos, não conseguiu apagar a impressão recebida annos atraz, deante da omnipotencia pianistica de Vianna da Motta.»

Por estes simples extractos que poderiamos ampliar infinitamente, vê-se bem qual o successo clamoroso que acolheu os nossos dois grandes artistas

Finalisaremos dando breve relato, em parte, dos programmas apresentados e exhibidos por Vianna da Motta e Moreira de Sá, para que bem se avalie qual a importancia das peças executadas. Entre os trechos de piano figuram a *Toccata* de orgão, de Bach-Busoni; o *Concerto* de Alkan, dos Estudos op. 39; Illustrações do *Propheta* e as duas *legendas misticas*, de Liszt; *Carnaval*, de Schumann; *Sonata* de Beethoven, op. 111.

Do repertorio de violino fizeram parte: *Alegro appassionato*, de Mendelssohn; *Czardas*, de Hubay; *Moto perpetuo*, de Novacek; *Capricho*, de Guiraud; *Serenade melancholique*, de Tschaikowsky; *Cysne*, de Saint-Saens e *Romanza*, de Arthur Napoleão; *Trillo del diavolo*, de Tartini. A duo executaram a terceira *sonata* de Grieg.

Em todos os concertos, o applauso geral e insistente obrigou-os a repetir ou adicionar alguns numeros ao programma ordenado. Cada um d'estes trazia já annuncio do concerto proximo, pois que a anciedade do publico não se continha sem saber quando se realisasse a proxima sessão.

Folgamos e rejubilamos com o successo, de perfeita justiça, alcançado pelos nossos grandes concertistas. Do seu triumpho solemne e grandioso, algo se reflecte sobre a Arte Musical do paiz, que elles illustram com tanto fulgor e grandeza.

V. F. B.

GALERIA DOS NOSSOS

Julio Cardona



A travez do seu olhar de myope transparece a sua alma de sonhador e entusiasta, enamorado intuitivamente dos ideaes supremos da Arte e do Bello!

D'um caracter pouco expansivo, e um tanto timido, sem possuir a noção exacta e precisa do seu incontestavel valor e merito, julgal-o iam menos affavel aquelles

que nunca com elle tivessem tratado As primeiras palavras trocadas, essa como que mascara dissolve se n'um sorriso bom e amigoso, e fica nos remorso da primitiva impressão formulada. Confirma-se o rifão: ninguém julgue pelas apparencias!

Ha alguns annos que Cardona surgiu, quasi de surpresa, no nosso meio musical.

Desconhecido na vespera, era logo cotado como um dos primeiros violinos portuguezes e n'esse posto de honra o confirmaram as successivas manifestações brilhantes da sua maestria, prestadas em tantas occasiões.

Conquistando á custa do proprio merito e em concurso com outra illustração do violino a cadeira de professor do nosso Conservatorio, com esse facto veio afirmar — pela notoriedade que lhe andou adjuncta — as suas poderosas faculdades de executante e o seu magnifico e solido estudo.

Depois d'isso tem se-nos revelado director d'orchestra, pianista, professor — dos mais notaveis — de violino, e tudo isso com um grande fundo de modestia, de sinceridade e sem que o seu sorriso, amavel e bondoso, deixe de acompanhar cada una das manifestações da sua multipla actividade.

COLLINE

CONCERTOS

No dia 17 de julho realisou-se no salão nobre do theatro de S. João, do Porto, o concerto annual do violoncellista Joaquim Casella.

Foi uma bem interessante e variada sessão musical, em que se executaram trechos notáveis de violoncello, violino, piano e de canto.

Tomaram parte, além do exímio promotor do concerto, o maestro Carlos Dubini que, já pela sua virtuosidade no violino, já como professor habilíssimo recebeu muitos applausos; os seus discipulos Lopes e Ferreira, e a menina Ophelia d'Oliveira, discipula de Dubini, que promete ser uma concertista de meritos *hors ligne*. Como pianistas os srs. Cassagne, Xisto Lopes e Roncagli. A parte de canto coube ás sr.^{as} D. Bertha Vellasco e D. Amelia Von Haffe, e extra-programma ao distincto tenor Gaspar do Nascimento.

Entre os trechos que se ouviram destacou-se a sonata para quatro violinos, do mallogrado Cyriaco de Cardoso.

*

No salão do Conservatorio de Lisboa teve lugar, na noite de segunda-feira, 21, um sarau litterario-musical, promovido pelos maestros Nicolino Milano e Thomaz Del Negro. Nada podemos ajuntar a esta simples noticia, porquanto não fomos contemplados com o habitual bilhete de admissão. Attribuimos a falta a um mero lapso, mas por isso mesmo a acusamos n'este breve reparo... *sans rancune*.

NOTICIARIO

Do paiz

Demos nos ultimos numeros d'esta revista, noticia da criação d'um novo Instituto musical, com séde na rua da Barroca, 107, 2.^o

Hoje temos a acrescentar gostosamente que tomou o titulo definitivo de «Sociedade de concertos e Escola de musica», e que o seu corpo docente se compõe dos illustres professores Frederico Guimarães, Julio Cardona, Guilherme Ribeiro, Marcos Garin, Moraes Palmeiro, José Henrique dos Santos, D. Rachel de Sousa, Wenceslau Pinto e Luiz Béraud.

Além do curso completo do Conservatorio, haverá outro especial da Escola, para os alumnos d'um e d'outro sexo que desejem frequentar determinadas aulas, ou as de francez, italiano e allemão.

A matricula abre no dia 1 de setembro, e desde já se prestam todas as informações na séde da Sociedade, rua da Barroca, 107, 2.^o; e a abertura das aulas terá lugar impre-

terivelmente no primeiro de outubro proximo futuro.

A' frente da parte administrativa encontram-se cavalheiros de reconhecido zelo, no apostolado d'outras instituições que lhes devem a sua exclusiva prosperidade, e de cuja larga iniciativa muito tem a esperar a novel «Sociedade de concertos e Escola de musica».

Por um lapso typographico que nos passou desapercibido, e de que muito contrariados nos confessamos, deixou de figurar na lista dos professores, que inserimos na ultima pagina das capas da «Arte Musical», o nome da distincta e laureada professora de canto a Ex.^{ma} sr.^a D. Julietta Hirsch.

Protestando-lhe que nos apressaremos a remediar essa falta, absolutamente involuntaria, tão depressa nos seja possivel, deviamos-lhe desde já esta indispensavel explicação.

Segundo colhemos nos jornaes portuenses, acham-se desde já contratados para a futura epocha lyrica do theatro de S. João, o maestro Mingardi, soprano Carlota Fereal, contralto Pozzi, tenor Zeni (reconduzido), barytono Moro e baixo Cromberg. Parece que se cantará a *D. Mecia*, opera portugueza, musica de Oscar da Silva.

Em um dos numeros anteriores annunciavamos e applaudiamos um projecto que nascera no Conservatorio e cujo intuito era o de organizar uma orchestra de artistas afim de dar annualmente n'aquelle estabelecimento uma serie de concertos symphonicos, como se faz em todos os institutos similares do estrangeiro.

A idéa é archi-velha e tem-se querido pôr em pratica por varias vezes; ainda a ultima tentativa, a que nós outros não fomos extranhos, foi ha dois annos e, é claro, sem resultado.

Conhecemos portanto bem as difficuldades d'uma iniciativa d'esta natureza. Um dos obices, que ha de dar não pouco que fazer aos promotores d'esses concertos é reunir um nucleo de executantes, com a capacidade precisa para arcar com as difficuldades da musica symphonica e com as *exigencias* dos nossos auditorios, n'esse particular. Entre os professores do Conservatorio, não conhecemos mais que uns 10 que se dediquem a instrumentos de orchestra; calculando que haja outros tantos alumnos na altura de coadjuvar aquelles, ahí temos um primeiro grupo de 20 executantes, que não bastam por certo para o effeito que se deseja.

B' preciso portanto ir recrutar fóra, e occorre logo averiguar se abundam entre nós os bons elementos orchestraes e se ha meio de os ganhar para uma causa tão sympathica.

Não queremos duvidar que existam os bons elementos — muito dispersos, muito pouco feitos na alta musica symphonica, que nunca teem occasião de frequentar; mas enfim, elementos bastante valiosos que seriam optimos para o caso sujeito.

O que não acreditamos muito é que acudam á chamada. Os bons artistas de profissão, mercê da forma ridicula como os seus serviços são remunerados no nosso paiz, precisam lançar mão de tudo para viver, precisam acima de tudo empregar todas as suas horas n'um trabalho que seja pelo menos garantido e certo. Assim é que os theatros, as lições e as estações de verão nas Caldas e na Figueira, monopolisam os melhores artistas, que por essa forma não teem positivamente mãos a medir, sendo para notar-se que a mais ligeira solução de continuidade n'esses trabalhos implica fatalmente para o artista uma quebra nos subsequentes interesses, pela inadiavel substituição de que elle proprio se torna victima.

Outra dificuldade, não menor, é a questão do mestre.

No periodo aureo da musica symphonica em Lisboa, de 1879 a 1887, julgou-se indispensavel escripturar um mestre estrangeiro — e a razão todos a sabem. Sempre a carestia de homens que se possam pôr á cabeça de uma empresa d'esta natureza — n'uma terra onde a escola d'orchestra está ainda por fazer.

Temos evidentemente alguns professores, a quem não falta competencia para tão elevado cargo, mas esses não tem ainda nem a idade, nem o tirocinio, nem portanto a auctoridade para se impôr a uma orchestra, que não pode deixar de ser a *orchestra official* do nosso paiz — a outros que estão de ha muito familiarisados com esse trabalho, parece que falta o animo ou a força, pois raramente os vemos empunhando uma batuta.

Teremos de pagar novo tributo á arte estrangeira, importando um novo artista para esta missão? Não o crêmos, nem crêmos que seja essa a ideia do Conservatorio.

Um nome se nos impõe como o unico que reuna os requisitos todos para a transcendente função de director da orchestra do Conservatorio. Como antigo alumno da casa, professor depois, pensionado pelo governo para estudar em Paris, laureado na *Scola Cantorum*, apreciado e elogiado pelos primeiros musicos francezes, é effectiva-

mente Francisco de Lacerda o unico que podia e devia assumir a regencia d'esta orchestra nacional.

A habilidade e talento de Francisco Lacerda como *Kapellmeister* tem chamado a attenção em Paris e ainda ultimamente o famoso Richter, vendo-o dirigir a orchestra da *Scola*, lhe offereceu os seus conselhos, convidando o a ir assistir aos seus ensaios e execuções wagnerianas em Bayreuth e a acompanhal-o em seguida á Inglaterra, afim de trabalhar com elle durante dois ou tres mezes na elevada e complexa *arte de dirigir a orchestra*.

E esta distincção é tanto mais honrosa quanto é certo que Hans Richter não tem discipulos nem nunca os quiz ter.

Estaria portanto indicado o nosso illustre compatriota para occupar o difficil logar; julgamos mesmo que é essa a natural ambição de quem dirige os destinos do nosso primeiro estabelecimento de ensino musical.

Mas... poderá Lacerda abandonar os seus trabalhos de Paris e a invejavel posição que ali tem adquirido, para vir dar 6 concertos cada anno, em Portugal?

Tudo são difficuldades.

Até as ha de ordem financeira, infelizmente.

Ns nossa terra, ha uma predilecção muito marcada pelos concertos... de graça. Pagando, só se acceitam de olhos e ouvidos cerrados, os... *desconcertos* em S. Carlos.

Como se poderá convencer o bom lisboeta a abrir a bolsa para uma iniciativa tão sympathica e tão interessante? E é preciso que a abra bem, porque a lotação do salão official não é muito vantajada e as despesas de tal empresa não são pequenas.

Em summa, esperemos os acontecimentos e façamos todos votos para que os projectados concertos se transformem muito breve em realidade e n'uma realidade duradoura.

Já é tempo!



São as seguintes as alumnas extranhas ao Conservatorio, que terminaram este anno os seus cursos:

Piano (5.º anno do curso geral)

	Valores
Alda do Couto Lupi	8
Alice A. de Vidigal Paiva	6
Alice Georgina Ribeiro	5
Altina R. da S. F. Brêa	8
Carolina A. A. Marques	6
Celeste A. Ferreira Ramos	9

Christina Amelia de Sá	6	riquez de Valderrábano (1547), Diego Pisor (1552), Miguel de Fuenllana (1554), Venegas de Hinestrosa (1554) até Esteban Daza (1576).
Christina Dovalle Portugal	8	
Claudemira C. Nunes	8	
Clothilde dos Anjos Martha	6	
Emilia H. Croner	9	Precede a uma prefacção do erudito e venerando director do Conservatorio de Bruxellas, F. Gevaert, que tem uma admiração calorosa e entusiastica pela musica peninsular, em louvor da qual tem de ha muito effectuado insistente propaganda!
Emilia J. da C. Pinto	8	Entre a collecção de musica vocal de Luiz Milan contam-se seis «villanellas» com palavras portuguezas, que veem descriptas no indice dos dois volumes que termina o prospecto.
Emilia Chrispim Polvora	8	
Emma Antonia Monteiro	7	
Ermelinda R. Fernandes	8	
Esther Deolinda Amancio	9	
Generosa Alfaia de Carvalho	6	
Heloisia Rachel d'Oliveira	8	
Ignes Alice Barroso	9	
Isaura Ribeiro da Costa	10	
Julia Palmira de Brito	8	
Julietta d'Abreu	7	O extracto do prefacio de Gevaert conta como o compilador, Guilherme Morphy, de passagem em Paris, depois da revolução de 1868, que o exilára de Hespanha, travou relações com o sabio musico belga, então director geral da musica no theatro da Opera; bem como fôra o proprio Gevaert — que casualmente encontrára na Bibliotheca da Opera o livro de musica de D. Luiz Milan, — quem lhe suggerira a idéa da publicação, a que desde essa data o sr. Morphy se consagrou incessantemente.
Lucinda G. Carraça	8	
Maria Pedreira Nunes	10	Aos curiosos e anthologistas musicaes recomendamos a nova publicação, que é das mais recentes e de absoluta novidade.
Maria Braga Santos	7	
Maria Victoria da C. Ribeiro	10	
Maria Carreira Alves	8	
Marina Bello d'Almeida	8	
Narcisa Campos Conongia	6	
Olinda Baptista Ribeiro	10	
Palmira d'Almeida Lindo	8	
Rita da Silva Niny	5	

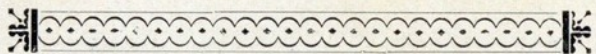
Harmonia (3.º anno do curso)

Adelia Heinz	10
Pedro Fernando Pereira	10

Partiu para Cherbourg (França), a fim de visitar suas filhas, o nosso amigo e distincto organista de S. Luiz, M. Léon Jamet. Boa viagem e bom... *retour*.

Na igreja da Conceição Velha rezou-se ante-hontem uma missa e «Libera-me» a grande instrumental, suffragando a alma do artista Sergio Augusto da Silva.

O «Libera-me» que se executou é composição do illustre professor José Ferreira Braga.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos o prospecto d'uma interessante publicação recentemente editada pela casa Breitkopf & Härtel, de Leipzig: «Les Luthistes espagnols du xvi siècle», em 2 volumes.

A obra é uma compilação interessante dos compositores hespanhoes, desde Luiz Milan (1536), e seguindo por Luiz de Narvaez (1538), Alonso de Mudarra (1546), An-

NECROLOGIA

Acaba de fallecer no Rio de Janeiro um musico de grande merecimento, Leopoldo Miguez, natural do Porto, mas que desde os mais verdes annos residia na capital do Brasil, onde era considerado, depois do saudoso Carlos Gomes, como o mais notavel compositor nacional.

Leopoldo Miguez deixa, entre muitas outras producções de valor, as partituras de «Parisina», drama lyrico, que se cantou ha tempo no Porto, por iniciativa e sob a direcção de Moreira de Sá, e as cantatas «Ave Libertas» e «Prometheu», igualmente muito festejadas pelo publico fluminense.

No sahimto do chorado musico fizeram-se representar o Presidente da Republica, Ministerio, Escola de Bellas Artes, Instituto Nacional e Conservatorio livre de musica, estes pela totalidade dos seus corpos docentes e crescido numero das maiores illustrações litterarias, scientificas e artisticas do Brazil, que quizeram testemunhar o seu preito pelo saudoso extincto na derradeira consagração.